



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

VENCENDO NO MERCADO DE TRABALHO: O DISCURSO DO EMPREENDEDORISMO COMO
AVVENTURA POSSÍVEL PARA TODOS

Larissa Ferreira Tavares (Universidade Federal de Santa Catarina) - larissaftavares@gmail.com
Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina e Professora Assistente na Universidade Federal do Rio Grande

Marcio Silva Rodrigues (Universidade Federal de Pelotas) - marciosilvarodrigues@gmail.com
Doutor em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas, Líder do Núcleo de Estudos Marcelo Milano Falcão Vieira (NEMaVi) e membro do Observatório da Realidade Organizacional

GT 07- Diálogos sobre o Trabalho

Resumo Expandido:

Diretamente relacionado à consolidação de um Estado pautado por uma agenda neoliberal (Estado Mínimo) e, consequentemente, às transformações no mundo do trabalho, a saber: passagem de um regime de produção keynesiano/fordista para o regime de produção pós keynesiano/pós-fordista, (PAES DE PAULA, 2001), atualmente, o empreendedorismo tem se tornado uma alternativa bastante incentivada. Empreender nos dias de hoje torna-se um dever, uma questão de status e a possibilidade para vencer no mercado de trabalho. Se Schumpeter descrevia o empreendedor como uma figura particular de indivíduo (LOPÈZ-RUIZ, 2004), hoje tornar-se um é uma aventura possível para todos (EHRENBERG, 2010).

Para Boltanski e Chiapello (2009) o empreendedorismo é tido como um conjunto de crenças associados à ordem capitalista que contribuem para justificar e sustentar essa ordem, legitimando assim, os modos de ação e as disposições coerentes com ela tornando-se o novo espírito do capitalismo. No mesmo sentido, Colbari (2007) ainda destaca que o discurso do empreendedorismo atua em diferentes contextos e assume diversos significados, sendo identificado em várias situações, já que é tido como uma

força social desencadeada por comportamentos, atitudes e valores que conduzem à inovação e à mudança, potencializando a geração de riqueza e a ação transformadora das condições sociais e políticas (COLBARI, 2007, p. 76).

Dessa forma, conforme argumenta Paes de Paula (2002), incentivada amplamente nesse cenário de capitalismo flexível, a figura do trabalhador autônomo, os contratos temporários e as relações cada vez mais provisórias entre organizações e trabalhadores estão em evidência cada vez mais. A consolidação da cultura/ideologia do empreendedorismo sai da empresa e se torna disponível “para quem quiser conhecê-las, reforçando um culto sem culpa à personalidade e ao sucesso” (PAES DE PAULA, 2002, p. 142).

Qualquer que seja a abordagem que se dê ao empreendedorismo, tal termo refere-se geralmente à ideia de inovação e àquele indivíduo heroico, que não fraqueja, que corre riscos, porém riscos calculados, dono de uma boa rede de contatos, mas independente. Nesse processo, cada vez mais “o indivíduo é convocado a tomar seu lugar e a fazer de si mesmo seu melhor patrimônio” (BENDASSOLLI, 2000, p. 217), responsabilizando-se pela sua condição de empregabilidade e fazendo de “si mesmo” um “capital humano”. Conforme Ehrenberg (2010) tem-se a valorização da imagem do indivíduo “autônomo” e “independente” diante de filiações coletivas estáveis, um indivíduo móvel que precisa encontrar por si referências para sua existência e realização por meio de sua ação pessoal.

Dessa forma, considerando a passagem de um Estado de Bem estar social para um Estado pró-trabalho, e que o modelo de produção fordista representava o *ethos* do capitalismo monopolista, enquanto o toyotismo reflete a lógica do capitalismo flexível (PAES DE PAULA, 2002), atualmente o que estamos presenciando é um cenário em que a empresa, agora flexível, não se organiza mais em torno do trabalho assalariado, mas sim em torno de indivíduos flexíveis, em torno de trabalhos e tarefas realizadas por trabalhadores independentes que criam o seu próprio emprego e se responsabilizam pelo desenvolvimento de toda a sua carreira.

Ao que parece, tal cenário contribui e nos faz testemunha de “uma tentativa de construção da imagem do empreendedor de si mesmo como um indivíduo capaz de vencer incertezas e inseguranças da vida social dentro do contexto do capitalismo flexível” (BARBOSA, 2011, p.138). Uma imagem na qual o espírito empreendedor é disseminado como forma de salvação em todos os sentidos: seja para montar um negócio próprio e “garantir” seu emprego, ou como característica pessoal, na busca constante por qualificação e atualização, como pregam os teóricos da ideia de Capital Humano. Utilizando-se das palavras de Ehrenberg (2010, p. 48), nesse novo cenário é uma máxima “empreender qualquer coisa. Ela simboliza uma criação pessoal, uma aventura possível para todos”.

Esse *homo economicus* empresário de si mesmo, que é seu próprio capital, seu próprio produtor e que é, para si mesmo, a fonte de sua renda (FOUCAULT, 2008), é tido como um exemplo a ser seguido. Corroborando a ideia de Parker (2002) em que atualmente, a gestão, mais do que qualquer outra forma de saber ou prática, é tida como

uma fé a qual não conseguimos nos imaginar sem sermos organizadas por ela, nos dias de hoje, “ideias como o ócio criativo e o empreendedorismo conquistam cada vez mais adeptos” (PAES DE PAULA, 2002, p. 142).

Nesse sentido, é possível predizer que além da flexibilidade organizacional esse novo discurso busca uma flexibilidade do próprio indivíduo, isto é, que ele se constitua. Nesse cenário, o Estado exerce um papel muito importante no processo de construção desse indivíduo no mundo do trabalho e nessas novas formas organizacionais. Assumindo a “voz” do Estado, instituições como o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) tem um papel de destaque no cenário socioeconômico brasileiro, colaborando com a capacitação dos empreendedores ao disponibilizar os saberes necessários para criação e manutenção de uma empresa eficiente (ESCARLATE, 2010).

Considerando a dinâmica social e econômica da atualidade e refletindo sobre a construção da formação discursiva do “empreendedorismo como um elemento útil à compreensão das relações de poder existentes no mundo do trabalho” (COSTA *et al*, 2008, p. 998), este estudo tem como objetivo analisar o papel do SEBRAE na disseminação e reprodução do empreendedorismo no Brasil. Parte-se da ideia de que o discurso neoliberal reforça o fim do Estado por um lado, mas por outro, conclama o Estado a participar do fenômeno do desenvolvimento econômico.

Tendo a atuação do SEBRAE como estudo de caso adota-se em relação ao delineamento da pesquisa uma perspectiva predominantemente qualitativa. Pela análise e interpretação dessas informações, este estudo, conforme Triviños (1987), pode ser caracterizado como descritivo-interpretativo e faz-se uso da análise de conteúdo para alcançar o objetivo proposto neste trabalho. A coleta de dados se dá de forma primária a partir da realização do curso de ensino à distância promovido pelo sítio do SEBRAE, a saber: “Empreendedorismo: Como reconhecer características empreendedoras de sucesso”.

Após análise dos dados, é possível identificar algumas ações do SEBRAE que ajudam a disseminar e reproduzir o empreendedorismo no Brasil. O curso analisado apresenta a seguinte estrutura: Unidade 1) características do empreendedor; Unidade 2) Decisões empreendedoras: como identificar e desenvolver as características do comportamento empreendedor necessárias ao processo de decisões do seu negócio e

Unidade 3) Você está pronto para empreender? Oportunidade de testar a disposição como empreendedor, com o intuito de aperfeiçoar o comportamento, compreendendo a relação entre o indivíduo e sua ideia (SEBRAE, 2017).

A partir da análise dos dados é possível identificar que a ideia de empresa passa a ser entendida como modelo ideal de conduta para o indivíduo, uma vez que ela é símbolo de “eficácia e de iniciativas ousadas num contexto turbulento. Ela abandona o terreno econômico *stricto sensu* e fornece modelos de subjetivação para a grande massa da população” (BENDASSOLLI, 2000, p. 211). Sendo assim o indivíduo pautado pelo desejo de eficácia e de ascensão adere ao discurso empresarial, isto é, uma nova definição de ator em que segundo ele, “nós somos, de agora em diante, intimados a nos tornar os empresários de nossas próprias vidas” (EHRENBERG, 2010, p. 16).

Ao longo do curso as características empreendedoras são evidenciadas e a diferença entre os conceitos empreendedor e empresário. Para o SEBRAE (2017) “grandes empreendedores não cansam de buscar aperfeiçoamento e o sucesso é fruto da persistência”. Como afirma Ehrenberg (2010), o indivíduo se torna um empreendimento, uma empresa, a mais valiosa que existe, e o mercado se torna a vitrine onde ele se expõe, se negocia e se vende. Desse modo, a gestão de empresa e gestão de si mesmo obedecem às mesmas leis, pois como defende Gaulejac (2007, p. 186) nesse contexto é preciso “racionalizar a produção dos homens com o modelo da produção de bens e de serviços e tornar os indivíduos produtivos no modelo empresarial”. Ainda assim, pelo fato de os indivíduos se verem como responsáveis pelos problemas que enfrentam, acreditam também que a solução está neles mesmos. Agindo desta forma, sentem-se potentes para mudar situações vivenciadas.

Tendo em mente tais questões e refletindo sobre o indivíduo da atualidade, ao considerarmos a perda de centralidade das referências políticas e sociais instituídas, para Ehrenberg (2010) existe atualmente uma fragmentação da existência e a forma de sociabilidade se dá através da iniciativa individual. Noções como “flexibilidade, mudança, rapidez de reação, motivação, comunicação, domínio de si, agilidade psíquica e afetiva, capacidade de ação” (BENDASSOLLI, 2000, p. 207) impõe aos indivíduos a tarefa de adaptação constante e a de tudo escolher e ter que decidir (EHRENBERG, 2010) destacando assim, dois tipos de indivíduos da contemporaneidade: o indivíduo conquistador e o indivíduo incerto.

Assumindo riscos, potencializando suas características pessoais, priorizando a iniciativa, o direito de ser si mesmo e de escolher sua vida, a crença do indivíduo conquistador é governar-se, isto é, responsabilizar-se pelos problemas individuais, (EHRENBERG, 2010). Por outro lado, o indivíduo incerto para Ehrenberg (2010) é o indivíduo sofrente, que se encontra sobrecarregado e vulnerável às várias tarefas que precisa desempenhar de modo privado.

Conforme afirma Bendassolli (2000, p. 207), a “equação do indivíduo, hoje, é composta por combinatórias que oscilam entre o ideal do indivíduo conquistador e do indivíduo incerto: liberação psíquica e iniciativa individual, insegurança identitária e impotência para agir”, tendo conforme as palavras de Ehrenberg (2010) um indivíduo vazio, neurótico de identidade fragilizada. Sendo assim, depende do desempenho de cada um individualmente, isto é, da *perfomance* do indivíduo conforme propõe os estudos de Ehrenberg (2010). Como consequência disso, ainda segundo o autor, existe uma tendência à indeterminação, que implica em um futuro incerto e na perda ou enfraquecimento da confiança na sociedade.

Para o SEBRAE (2017), assim como os indivíduos tem perfis distintos, cada modelo de negócio exige do empreendedor características, habilidades e competências distintas também. Podemos dizer que existe um conjunto que é comum a todos, contudo, de acordo com a atividade empresarial, com a formação societária, a equipe, entre outros fatores o empreendedor terá que desenvolver competências específicas. O curso finaliza com a seguinte citação “Tornar-se um empreendedor bem sucedido só depende de você!” (SEBRAE, 2017).

Refletindo sobre tais questões, é notável o estímulo do Estado para o empreendedorismo disseminando a ideia e os benefícios de ser o próprio patrão e estar de volta ao mercado de trabalho, agora com um novo status, o de ser empresário da própria vida.

Sendo assim, devido à crise política e econômica que o país enfrenta desde 2015, os efeitos sobre o emprego e o discurso do Estado reificado por instituições como o SEBRAE sugerem a busca na atividade empreendedora como solução para sobreviver. Assim, conforme aponta Nardi (2002), considerando o papel desempenhado pelo Estado no Brasil no que diz respeito à valorização do trabalho, se na Era Vargas começou-se a delinear um regime de proteção jurídica ao trabalhador (a Consolidação das Leis do

Trabalho - CLT), hoje a cidadania não se dá mais através da carteira assinada e sim estar ligado à empresa (BAUMAN, 2001).

Para os trabalhadores da atualidade, as empresas flexíveis, ao mesmo tempo em que constituem um lugar de cidadania, sociabilidade, expressão e de subjetividade, constituem também um lugar onde a externalização das restantes atividades sugere a propagação de “formas de empregos periféricos na sua maioria precários, bem como a responsabilização crescente dos indivíduos pela criação do seu próprio emprego e pelo desenvolvimento das suas competências” (KOVÁCS, 2001, p. 62-63).

Nas palavras de Kovács (2001), não haverá mais segurança no emprego. A maneira de sobreviver nesta era de instabilidade será dispor de certas qualidades do próprio indivíduo tais como, a ideia de manter-se empregável, flexibilidade, criatividade e espírito empreendedor que irão ajudá-lo a sobreviver ‘virando-se por conta própria’. Desse modo, conforme a autora, “o futuro pertence à empresa hiperflexível, sem trabalho assalariado e sem gestores, onde o indivíduo se tornará uma empresa independente sem fronteira entre trabalho e vida privada e onde tudo será mercado” (KOVÁCS, 2001, p. 65).

Corroborando esse argumento, Gaulejac (2007, p. 78) afirma que “os trabalhadores, assim como os desempregados, são convidados a se tornarem empreendedores”, já que nesse cenário estaremos ocupados em fazer business e “até os assalariados se tornarão empreendedores individuais, gerenciando sua carreira como a de uma pequena empresa” (GAULEJAC, 2007, p. 79).

REFERÊNCIAS:

- BARBOSA, A. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. **Revista de Sociologia e Política** [online]. Curitiba, vol.19, n.38, pp. 121-140, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BENDASSOLLI, P. F. PÚBLICO, PRIVADO E O INDIVÍDUO NO NOVO CAPITALISMO. **Tempo Social**; São Paulo, vol. 12, n. 2, p. 203-236, 2000.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo, 2009.
- COLBARI, A. de L. A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. **SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição Especial de Lançamento, n.01, v.1, Abril, pp.75-111, 2007.
- COSTA, A. M.; BARROS, D. F; MARTINS, P. E. M. Linguagem, relações de poder e o mundo do trabalho: a construção discursiva do conceito de empreendedorismo. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, vol. 42, n. 5, p. 995-1018, set./out. 2008.
- EHRENBERG, A. **Culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP. Ideias e Letras, 2010.
- ESCARLATE, Luiz Felipe. **Aprender a empreender**: Brasília: Fundação Roberto Marinho, SEBRAE, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica** – Curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GAULEJAC, V. Gestão como doença social. Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Ed Ideias e Letras. 3^aed. 2007
- KOVÁCS, I. **Globalizações: novos rumos no mundo do trabalho**. Florianópolis. Ed: da UFSC, 2001.
- LÓPEZ RUIZ, O. J. **O “ethos” dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**, 2004. Tese (doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- NARDI, Henrique Caetano. **Trabalho e ética**: os processos de subjetivação de duas gerações de trabalhadores metalúrgicos e do setor informal 2002. 350 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- PAES DE PAULA, A. P. Administração pública gerencial e construção democrática no Brasil: uma abordagem crítica. In: XXV ENCONTRO NACIONAL DOS

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, Campinas, 2001.
Anais..., Rio de Janeiro, 2001.

PARKER. M. Against Management: organizationa in the age of managerialism. Cambridge: Polity, 2002. 356 p.

SEBRAE. Portal SEBRAE. Disponível em: www.sebrae.com.br. Acesso em: 02/05/2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.